JOÃO FELIX VIEIRA

Persistência...

2ª edição - Revista
Rio de Janeiro - 2013

Foto de capa:
O autor em aulas de Zootecnia, manejo com bovinos.
Faculdade de Ciências Agro-Ambientais
FAGRAM, Campus Penha.

Do autor:
Digitação, copidesque, revisão textual,
preparação de originais e prefácio.

2ª edição – Revista
214 p.

Persistência...

João Felix Vieira
Rio de Janeiro.

CLUBE DE AUTORES

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

SUMÁRIO

Prefácio.....5
Apresentação.....7
Persistência.....18
Origens dos Animais Domésticos.....47
Utilidades e Serviços dos Animais 55
Silvestres, Exóticos e Domésticos.....64
Água: Ponto fundamental a criação dos animais.....66
Sanidade dos Animais.....77
A alimentação dos Animais.....82
Importância econômica.....85
Origens das Galinhas.....88
Origens das Codornas.....98
Origens dos Faisões.....108
Origens dos Patos e Marrecos.....122
Origens dos Perus.....143
Os Gansos: Origem e domesticação..... 149
Origens dos Coelhos.....157
Origens dos Porcos.....169
Origens das Cabras.....189
Origens das Ovelhas.....198
Os Formados – Turma 85/2007.....204
Agradecimentos.....205
Bibliografia.....206

Agradeço a Deus, por minhas realizações.

"in memorianm": A minha mãe Beatriz, que muito feliz ficaria, com essa realização.

A minha esposa Nancy, mais uma vez pela paciência, incentivou-nos, para que não desistisse, diante de horas incansáveis de estudos e pesquisas.

Aos meus irmãos, Ana Cristina, Ejane, Maria Beatriz, Willians e os demais familiares.

Aos meus filhos, Rejane Vieira, Luiz Felix e Joelma Felix.

Aos meus netos, Kennedy, Joyce, Gustavo, Igor, Guilherme e Ester.

E aos amigos que puderam de alguma forma contribuir.

João Felix Vieira

PREFÁCIO

Os bons livros precisam de prefácios. Mas não podem ser julgados e rejeitados por não tê-los.

O prefácio, para alguns, deixou de ser usual, mas não perdeu o seu valor. Geralmente são os amigos que os escrevem. Eles se apresentam e podem julgar a obra.

O leitor, não julga e não ver grande relevância num prefácio, nem tão pouco se emociona com ele. Apenas com a obra.

O autor, não pode descrever a importância do prefácio, somente sente falta de quem o antecede.

De fato, o prefácio descortina o valor da obra e de quem o escreveu. Afinal, cada um de nós compõe a sua própria história, cada um em si pode ser capaz.

O autor

APRESENTAÇÃO

Desde o inicio no curso de Técnico em Agropecuária Orgânica no Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, aprendia não só técnicas agrícolas e de pecuária, mas também, a perceber, que a confiabilidade, paciência e presteza dos professores, intentariam capacidade de nos fazer entender até palavras que jamais conteriam em nosso vocabulário. Eles usavam a *"Construção do conhecimento através da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade"*.

Com isso, reforçava a nossa percepção de que a convivência entre pessoas cultas, além de fundamental, enriquecer caráter. Particularmente neste aspecto sou agradecido, pois convivi entre elas.

Com os ensinamentos, mesmo tardiamente, aprendi ver e entender mais o mundo ao redor, inclusive, a correta forma de descortinar o valor dos *equídeos,* por sua importância econômica e da pluralidade cultural em nosso país.

Quando presenteado com livro, *Muares: Tema Transversal para o Ensino Médio e Técnico em Agropecuária,* folheando e atento ao conteúdo escrito, percebia que além dos ensinamentos pedagógicos, poderia

também aprender e aceitar que a vida pode ser levada dignamente ao lombo de um burro.

Seria isso o ponto final de nosso saber, simplesmente entender que a vida pode ser levada dignamente no lombo de um burro? Logicamente não, pois a falta de conhecimentos e de oportunidades interfere provisória e negativamente em nossa vida. Uma vida rotineira, sem leituras ou conhecimentos, nos faz ter "visões" distorcidas da realidade, ou simplesmente, nos faz ver sem enxergar e entende-la.

Necessário então seria aprimorar os poucos conhecimentos adquiridos ao longo do curso; não levados pelo entusiasmo, mas transcrever as "lições" aprendidas, que nos fez enxergar e respeitar pessoas que dignamente levam o sustento para casa, trabalhando com animais de carga, como as mulas e os burros, por exemplo.

Com ignorância, não entendia essa importância econômica. Outrora, achava que uma parelha, era apenas um conjunto de desqualificados e rejeitados (animal e homem) pela sociedade - O homem, sem respeito e do conhecimento cultural - O animal, por ser simplesmente irracional.

Durante o curso, em leituras dos conteúdos técnicos, me fazia lembrar outras, que simplesmente eram lidas e mal interpretadas. Não dava à devida importância as realidades contidas nos textos

lidos, como exemplo, em 1997, lendo um livro dos autores Robert Cooper (Ph. D) e Ayman Sawaf - INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA EMPRESA, no capítulo 4 - Intuição Prática (*Liderança com Empatia*) - Uma história contada Irving Grames, diretor-executivo de uma empresa, relata que em uma turma de jardim de infância no norte de Minnesota (EUA), um professor pergunta ás crianças:

- *Quantas de vocês comeram esta manhã?* Cerca da metade dos alunos ergueram as mãos.

O professor então perguntou àqueles que não haviam levantado às mãos.

- *Por que não tomaram o café da manhã hoje?*

Alguns disseram que haviam levantado muito tarde e não tiveram tempo de comer. Outras disseram que não tinham tido fome naquela manhã. Uns poucos disseram que não tinham gostado de nenhuma das comidas que lhes haviam servido. Todos os pequenos alunos deram uma resposta, exceto um garotinho.

- *E porque você não tomou o café da manhã hoje?* Perguntou-lhe o professor.

- *Por quê?* Replicou ele - *Não era a minha vez!*

- *Não era a sua vez?* Perguntou o professor:

- *O que significa isso?*

Com seu olhar brilhante e corpo franzino, disse o garoto:

- Bem, há cinco crianças em minha família. Mas não temos bastante dinheiro para comprar comida suficiente para que todos possam tomar o café da manhã todos os dias. Nós nos revezamos para tomar o café da manhã e hoje não era a minha vez!

Na época em que li esse trecho do citado livro, estava preocupado tão somente com o meu trabalho, afinal, tinha que continuar ganhando o "café da manhã" de meus filhos, que por acaso, já tinham passado pelo jardim de infância.

Eles despertavam cedo, estavam sempre com apetite, a comida era suficiente e de suas preferências; então, não precisavam de rodízio. Logicamente, se em algum dia não ergueram as mãos na escola é porque preferiram assim.

E eu? Ah, deixa pra lá! Mesmo que despertasse cedo, muitas das vezes nos faltava o café da manhã. Não passei pelo jardim de infância, nem sequer tinha escola para ir.

Através dos sentimentos de empatia e de compaixão, não somente ajudamos a nós mesmo a aprender e crescer, mas também, darmos condições a outros de começar a se sentir seguros o bastante para falar sobre o que realmente ocorre em nossas vidas, contar histórias, por exemplo, sem medo de ser julgados, criticados, abandonados ou mal interpretados.

Lá no Colégio, sem perceberem, os professores faziam-nos entender isso, uns com ensinamentos puramente técnicos, eram suas obrigações. Outros, além da técnica, com comportamentos e bordões, usando a transdisciplinaridade. Até mesmo alguns sem conhecimentos e entusiasmo, porque achavam não serem suas obrigações: transmitir o seu verdadeiro caráter e profissionalismo.

Bons caminhos foram apresentados para eu seguir (inclusive os maus), todavia, nesses caminhos, coisas que deixamos de conquistar, foi por pura falta de cultura e qualificação profissional e não podia me queixar.

Filho de pais separados; meu pai um militar da Marinha, alfabetizado, que me abandonou aos seis anos de idade; minha mãe, uma nordestina sem alfabetização que sempre esteve ao meu lado. Como poderia me queixar da vida? O que tinha, por dádiva de Deus, eram o meu caráter e a "educação" familiar, que também não posso me queixar.

Em nossas vidas, coisas que não chegam ao alcance das mãos, são exatamente aquelas que mais almejamos. Poderia então reclamar da vida? Não, de jeito nenhum! Sempre consegui o sustento através do trabalho, dignamente, qualquer que fosse a atividade.

Minha única e pura obrigação era ganhar o "café da manhã", inclusive, não tive professores curiosos para fazerem perguntas de assuntos que não lhes diziam respeito.

Por desencontro familiar e falta de oportunidades, longos vinte e cinco anos se passaram, sem que percebesse. Algo me faltava, e era a capacitação profissional. Conquistá-la seria uma questão de honra.

Jovens com qualificações diferentes, tais como: administradores, médicos, professores, informática e outras tecnologias, avançavam cada vez mais em nossa direção e não percebia que alguma coisa estava faltando. Nossos descaminhos faziam até não perceber o conteúdo do "prato nosso de cada dia".

Ao ingressar num colégio técnico, com quase cinquenta anos de idade, veio um novo despertar na vida. Após êxito no concurso de seleção, percebi que viver dentre todos aqueles jovens estudantes por um determinado período, poderia ser assustador, mas um grande desafio por conquistar.

No inicio, não imaginei quanto mais poderia aprender na vida, naquele momento, queria apenas um aprendizado profissional, nada mais. Logo, percebi também, que poderia usufruir muito mais do que a grade curricular oferecia. Primeiro, coincidentemente, minha turma era razoavelmente madura e alunos com experiências de vidas

e com emergentes objetivos, diferente talvez, dos demais alunos do colégio, 90% eram de jovens.

Segundo, um seleto grupo de professores, além de excelentes profissionais, tinha respeito e carinho com aquela classe.

Percebíamos claramente que estes, tinham habilidades em seus trabalhos pedagógicos e diante disso, percebendo das dificuldades de aprender e de nossos limites, procuravam transmitir os conteúdos disciplinares de forma simples, inclusive, deixando transparecer experiências pessoais, sem esquecer o lado técnico, que para nós foi muito bom.

Para eles, era simples a ciência da educação.

Lá no inicio, não podemos deixar de lembrar, estávamos entusiasmados, mas nem todos os colegas se irmanaram, formando-se grupos de afinidades. Não foi difícil perceber, que alguns estavam aflitos e inseguros, havia grupos que se isolavam e passei a fazer parte de um, que por acaso, se destacou disciplinarmente.

O principal motivo pelo qual optei por fazer parte do grupo que se destacou, foi buscar e ampliar mais conhecimentos, além da parte técnica. Não era o objetivo principal, mas sim, tentar compreender melhor as dificuldades de aprendizagem, na leitura e na escrita, visando até as intervenções que propiciariam a negatividade do desenvolvimento das disciplinas. Não tivemos esse discernimento de

imediato, procurávamos a melhor forma de assimilar os conteúdos disciplinares, mas eram tantos anos sem estudar, que por vezes, dava um nó em nossas cabeças a ponto de confundir desmandos do serviço público - pois na época, a prepotência; o fraco desempenho administrativo, por parte de um néscio e falta de coordenação, imperavam nocivamente entre nós - com as dificuldades de aprender.

Naquele ambiente inicialmente improdutivo, foi preciso que alguém se sobressaísse, não no aprendizado, mas que liderasse todos os grupos formados, unindo forças para poder cobrar aquilo que era nosso e buscar a melhor forma de aprender.

Usamos então a política de oportunidades, intervindo nos obstáculos danosos. Sabia que não haveria unanimidade, mas que valeria apena tentar. Os que aderiram a nossa liderança ficaram marginalizados, porque incomodava "àqueles" que entendiam as atitudes como ato de indisciplina.

Esse grupo marginalizado (a maioria) nos confiou por quatro vezes para representá-los, e fiz com dignidade, sem medir esforços, até mesmo para os que eram contrários. Não foi preciso fazer parte do grêmio estudantil e não era aconselhável.

O grêmio era bem atuante a cada ano, mas optamos apenas em apreciá-lo. A vigência física e intelectual daqueles jovens gremistas era invejável, porém, os objetivos se confundiam com os nossos. Procurávamos apoiá-los à distância, com conselhos, quando solicitado e segui-los quando necessário.

Certo mesmo, é que a demanda das atividades gremista, eram infantis, passageiras e insignificantes, eles não percebiam a desordem administrativa e falta de coordenação técnica para o curso. O importante de tudo, que aqueles jovens nos respeitavam, por nossa maturidade.

Tudo era acompanhado pelos professores com muito profissionalismo, sem intervir, entendiam as nossas atitudes, pois de alguma forma, também sofriam com os desmandos e nada podiam fazer para melhor ministrar nossas aulas, principalmente para as atividades práticas. Ora, aquilo é serviço publico!

Tinham aqueles que faziam parte dos setores de orientação pedagógica e da secretaria, que ainda podíamos confiar, até mesmo para as nossas confidências, pois muito das vezes precisávamos relatar os nossos anseios, dúvidas ou necessidades.

Entretanto, também tinham aqueles que pareciam não entender, achavam incomodo as nossas presenças e atitudes,

alegando ser nocivo, um bando de *"velhos sem ter o que fazer"* em meio a juventudes, com inicio de promissoras carreiras.

Certa vez, um deles, chegou a tachar nossa turma como "*quadrilha*", eu como o chefe e que a postura influenciava nocivamente de alguma forma os mais jovens. Não satisfeito, aquele inepto, chegou a qualificar a 65/2006 como alunos "*especiais*", no sentido de debilidade mental, demonstrando desqualificação pedagógica para a formação dos mais velhos ou com dificuldades de aprender. No entanto, nós os "*especiais*", o respeitava, pois os conteúdos da disciplina *Culturas Perene* eram importante para os nossos currículos como futuros técnicos.

Chegamos ao final de nossa jornada e "ele" não! Contribuiu com pouco, sequer assistiu a nossa vitória. Realmente havia algo de especial em nós, certa forma, o professor tinha razão.

Apesar de pensamentos nocivos de alguns, outros entendiam que tínhamos a pressa do aprender, era nosso único momento. Então, além de liderar os grupos constituídos, sem unanimidade, mas com respeito, a postura obstinada na condição de líder, foi bom para nós, serviu de lição para que todos se respeitassem e seguissem em frente com os objetivos planejados, individualmente, cada um com seu destaque, afinal, as avaliações

de aproveitamento, seriam feitas apenas pelos professores, pois nisso, eles eram mestres e doutores.

Não vamos aqui detalhar profundamente cada jornada, o que podemos afirmar é que a conduta naquele momento foi boa para todos, contribuiu de alguma forma na nossa formação profissional.

E assim foi ao longo do curso no CTUR/UFRRJ.

Foram três anos de convivência, quatro módulos disciplinares e doze professores. Dos quarenta alunos classificados, vinte e um fizeram as matrículas, destes, apenas dezesseis chegaram ao final do curso. Cinco por motivos particulares não alcançaram seus objetivos.

No final desse livro, está estampado a foto e o nome de cada colega daquela classe, uma forma de perpetuar o nosso respeito e guardar na lembrança uma eterna amizade.

João Felix Vieira

PERSISTÊNCIA

Com nossa persistência, antes tudo começou assim...

Ouviam-se corações batendo forte no peito de cada um, a ansiedade estampada em cada semblante, afinal, era o primeiro dia de aulas. O regresso de alguns, após anos sem escola.

Uma jovem senhora surgiu, apresentou-se como professora, fez as suas explanações e convidou os "*bixos*" (novos alunos) para formar uma mesa redonda. Fez informe do calendário com as disciplinas, fornecendo apostilas e roteiro dos conteúdos programados, incluindo um projeto de *Agroecologia,* pois seria a sua disciplina. Fez um resumo de como seriam os módulos do curso no primeiro ano, pediu que cada um se apresentasse e falasse das expectativas.

Começava ali, uma nova jornada em nossas vidas, para o aprendizado técnico, cultural, moral, de amizades e troca de experiências de vidas, pois cada um falou um pouquinho de si.

No decorrer da aula, ela ofereceu aos novos alunos uma visita às instalações do colégio. Foi o ponto fundamental, não sabemos até hoje, se proposital a tal visita, a primeira instalação visitada foi o *Galpão de Equipamentos Agrícola.*

A professora nos explicava a função de cada equipamento, era claro que aquele novo grupo de alunos estava longe de entender as funções das máquinas, mas o visível sucateamento da maioria sim, inclusive, o não funcionamento de umas poucas por falta de manutenção, sugeria desleixo. Um grande espaço, com teias de aranhas e "casas" de algumas espécies de marimbondos antissociais; gaiolas; sacos de adubos; madeiras e outros materiais amontoados e espalhados numa só desordem.

A turma logo observou que alguma coisa não estava certa. Na visão dos mais velhos, um "paiol de pólvora" para os maus intencionados politicamente. Se algum *"bixo"* estava atento naquela aula, não sabemos, mas seria ali o primeiro ponto para que todos se conhecessem definitivamente e pudesse responder o que estávamos fazendo ali realmente.

Diante daquela desordem e de pouco caso com o patrimônio público, não poderíamos entender o descaso, quando estava contida na grade curricular a disciplina *Gestão e Legislação.*

Desatentos das explicações do funcionamento das máquinas, perguntava-se se aqueles amontoados de ferros-velhos era inaptidão administrativa. Após um longo silêncio, com estratégia, a Professora respondeu, que quando chegasse o módulo com a disciplina sobre gestão, iríamos entender. Não adiantou muito, pois lá na frente, nada

se acrescentou, diante do fraco desempenho de quem deveria transmitir o conhecimento.

A compensação viria mais tarde em *Mecanização Agrícola*. No campo, aprendemos muito e com quem entendia realmente da matéria.

Então, continuamos a visita as instalações do colégio.

No setor de *Cunicultura,* não tinha a tal caixinha com cal para pisotear e adentrar as instalações. Essa caixinha era o pedilúvio, para evitar contaminações. Sem comentários! Iríamos conhecer mais tarde a excelência em pedagogia e de conhecimento técnico na disciplina *Pequenos Animais*.

Naquele momento, enxergávamos apenas uns coelhinhos bonitinhos e engraçadinhos.

No setor de *Suinocultura,* encontramos animais com privação hídrica e famintos, os canais coletores de excrementos entupidos e a vegetação ao redor do galpão, sem trato. A água era pouca para aquele tipo de criação, no que dificultava a limpeza e higienização. O abandono era visível no local, com cochos sujos e entupidos; recipientes inadequados para o armazenamento da alimentação dos animais; tubos e canos furados e com abundante vazamento. Não era preciso ser técnico de nada a entender que

aqueles animais estavam sofrendo confinados e a desordem estava também presente ali.

Os *Apriscos* de ovino-caprinocultura não foram visitados internamente, por volta das nove horas da manhã, ainda estavam fechados às instalações e os animais confinados.

Nas imediações, encontramos um animal morto (caprino n° 54) em adiantado estado de decomposição, fizemos perguntas, não tivemos explicações. A professora não sabia as causas e porque aquela carcaça estava naquelas condições, a céu aberto. Logicamente, na disciplina *Médios Animais,* a coisa se esclareceria e não estava tão longe de se perceber que o fraco desempenho administrativo impedia o funcionamento daquele setor. Naquele momento, a incúria, era a nociva causa principal para justificar aquele cadáver próximo ao redil.

No campo, foi apresentada uma cultura de mandioca, para a iniciação da disciplina *Grandes Culturas*. Era bem planejada, no entanto, as folhagens estavam devoradas e pisoteadas por animais, um forte indício que não haveria bons resultados naquele plantio. A turma, de imediato, entendeu que estava abandonado o projeto. Pior foi saber que houve a participação de alunos e o trabalho não valorizado naquele local.

A propósito, não tivemos informações sobre a análise de solo daquele talhão.